

*Apesar de lhe ter sido prometido o Paraíso,  
O homem continua preferindo o Inferno.*

## LIVRO UM

### PRIMEIRA PARTE

01

Nesta primeira parte todos têm conhecimento de que há grandes chances de serem verdadeiras as notícias a respeito da movimentação de naves não identificadas no quintal do Sistema Solar.

Ainda nesta primeira parte presume-se que o leitor saiba que os eventos têm início às 4:33 AM, Longitude menos 46 graus e Latitude menos 23 graus, mais ou menos 1 grau.

No discreto painel de cabeceira da cama, logo acima de uma Bela Morena Adormecida, piscavam dígitos, pontos e barras, informando o que se precisava saber naquele exato momento: dia e mês, programação da temperatura, parâmetros para a comunicação e, entre outros relacionados à segurança e vigilância, os limites escolhidos para acionar o despertador.

Aquele moderno aparelho instalado na residência da Verena (ainda Adormecida) não passava de um despertador comum de médio custo, escolhido em função de ser capaz de permanecer monitorando a comunicação sem interrupções. A opção *CS Comunicação Subterrânea*, a preferida pela moradora, analisava conteúdos, filtrava dados, condensava estatísticas e fazia brilhar no painel círculos alaranjados que, neste exato momento, irromperam em tons vermelhos infernais.

Quando a luz de um daqueles círculos se estabilizou no vermelho carmim, indicando o limite superior da coincidência de informações coerentes, o despertador disparou a decisão de acordar a figura adormecida, esparramada de lado bem na beirada da cama, a ponto de cair, mas retida pela providencial ação do sistema de segurança do colchão.

Verena, profundamente adormecida, viu a aproximação do urso, um gigante de pelo castanho lustroso que se aproximava caminhando sobre as quatro patas, seguido logo atrás por seres com porte e andar humano, mas com faces e corpos lembrando lobos cinzentos. Admirando com o canto dos olhos a beleza do animal que se avizinhava, a moça abaixou a cabeça, submetendo-se, e experimentou a felicidade de ver o urso chegar bem perto e passar a lamber sua mão esquerda, dócil, ansioso por uma retribuição.

Assim que Verena levantou os olhos para tentar identificar os tenebrosos tipos que vinham a poucos passos atrás do simpático animal, experimentou a sensação de queda, de fuga daquela realidade e percebeu que o colchão se deformava e intensificava a vibração enquanto que a música escolhida subia em volume, despertando-a como programado.

Deixou-se embalar pelas memórias do sonho, ainda sentindo o prazer do contato em sua mão da língua áspera do urso; sorriu, mesmo de olhos fechados, relembrando a mansidão do gigante marrom, apesar da assustadora presença dos *homens-lobo*. Reconheceu a boa qualidade do sonho induzido que misturava animais – sua preferência –, primeiro um amistoso e depois uma leve ameaça sugerida nos lobisomens. A leitura mais atenta do manual do despertador, na véspera, tinha valido a pena.

Bocejando e espreguiçando, viu a tela embutida na parede oposta brilhar com suavidade, ainda sem qualquer som, principiando a montar os planos dimensionais da imagem de uma conhecida dupla de jornalistas que conversavam tendo por plano de fundo uma paisagem inóspita. Verena piscou, despertou de vez e

identificou aquele horizonte e a nova descoberta feita por um dos satélites de Marte. O som surgiu e se elevou, porém abaixo do limiar audível, exigindo que a moça acionasse um comando no painel da cabeceira até conseguir discernir com clareza a voz feminina:

- ... *negam, mas a CS tem deixado vazas informações não codificadas dos observatórios do cinturão, indicando a possível manobra de objetos não identificados além do sistema solar...*

Verena lembrou com alguma irritação o constante embate entre os que insistiam em ser donos da informação e os que se opunham a essa pretensão, utilizando a CS como única fonte confiável. “*Um cabo de guerra sem vencedores*”, pensou ela.

Estava convencida de que a informação oficial chegava aos olhos e ouvidos da população consumidora, o seu principal alvo, sempre guiada por um controle remoto que alterava sua trajetória de modo a produzir o menor número possível de sobressaltos no *consumidor-padrão*, enquanto a CS, por força de ser muito mais densa e multifacetada, levava a diferentes interpretações e produzia diversas versões, entre elas um espelho da própria verdade oficial. Tudo se resumia a uma questão de quantidade: uma única versão, a oficial, e diversas variantes, as subterrâneas. Verena via de regra preferiria a CS, a Comunicação Subterrânea, desde que tosquiada da pelagem embaralhada que costuma fantasiar de inofensivas ovelhas algumas das perigosas traduções dos fatos.

Verena resumiu, a seu modo: *Oficial* era a versão do eco na perturbação magnética gerada pelos depósitos de minerais dos próprios asteroides; *Subterrânea*, a evidência de que a perturbação magnética – que ninguém negava –, tinha padrões *não-aleatórios*, contrariando a estatística e permitindo concluir que *algo* refletia os sinais das sondas. Como sempre, a *CS* assustava enquanto a *Oficial* amansava.

Verena, embora a contragosto, admitia que a versão oficial naquele caso era a mais sensata, afinal de contas as notícias de visitas extraterrestres eram jogadas com frequência sobre a população quase ao mesmo tempo em que eram desmentidas pela Comunicação Oficial. De alguns anos para cá, a quantidade de afirmações de que alienígenas vagavam pelas vizinhanças do Sistema Solar duplicavam da noite para o dia na Subterrânea, como se fosse possível caber tantos alienígenas perdidos pelo espaço sideral. Verena sorriu ao se lembrar da piada corrente: caso todas as versões a respeito de visitas de extraterrestres fossem reais, seria premente a duplicação das luzes do porto lunar para evitar as fatais colisões orbitais.

Reconhecendo – como todos os demais habitantes do planeta vinham fazendo nos últimos tempos – que só pensava naquilo desde os primeiros segundos do dia, Verena acionou um comando no painel da cabeceira e desligou o televisor. “*Ah, tapa na minha cara!*” ela resmungou ao constatar que a função tridimensional estava dando sinais de defeito: a imagem havia dado um salto de quase um palmo para fora da moldura de contenção antes de escurecer. Um novo aparelho, do mesmo tamanho, iria lhe custar mais de um quarto de seus rendimentos mensais, apesar do subsídio a que tinha direito. Más notícias...

Tomou um rápido banho enquanto ouvia as emissoras de notícias selecionadas no rádio do banheiro: as agências europeias, mais comedidas, insistiam em negar as versões da rede subterrânea, preocupadas com a escalada de protestos e de violência que se alastravam como vermes na carniça; seus editoriais tentavam, sem muita convicção, transmitir a impressão de que a rede subterrânea exagerava nas conclusões e extraía verdades em que nem mesmo o mais ingênuo e suburbano indivíduo poria fé. As opiniões dos meios de comunicação oficiais, no entanto, eram superadas pela maciça verborragia da mídia extra-oficial, o que de certa forma contribuía para comprometer o bom senso de muitos cidadãos, mesmo dos mais preparados, como ela mesma.

Verena reduziu o volume da difusão radiofônica, fechou a ducha e saiu do boxe. Observando sua nudez refletida na parede espelhada, tentou imaginar se ao redor do mundo outras pessoas, assim como ela, estariam avaliando o ganho ou a perda de peso decorrente da perturbação psicológica que as notícias vinham causando a todos. Quanto a ela, a magreza parecia acentuada, e o aspecto geral não animava, piorado pela necessidade de depilação. Quem tinha tempo para isso? Quem iria se depilar para parecer bonita quando fosse para a fila de espera na clínica de dissecação alienígena?

- *Como é?* – deixou escapar em voz alta. – *Cada pensamento, meu Deus! Bem feito para mim mesma, que não fui ver um consultor psicológico quando meu exame de saúde anual acusou ansiedade acima do normal!*

Exasperada, se concentrou no que estava fazendo e abaixou o secador até próximo da cabeça, escolhendo a opção que terminaria com um penteado mais do que comum: o que menos lhe interessava, naqueles dias, era chamar a atenção.

Acompanhando as imagens e informações projetadas no espelho enquanto aguardava o secador fazer sua mágica, entendeu que o despertador a havia acordado de acordo com a intensificação do noticiário acerca da probabilidade de serem verdadeiras as informações ligadas à possível visitação extraterrestre, mas sentiu-se tomada pela suspeita de que os fanáticos estavam batendo os tambores com intensidade exagerada, buscando com isso aparecer mais do que mereciam: cheirava a estratégia para inflar a remuneração por visibilidade e para captar mais verbas de patrocínio: *ora, ora, quem diria, não é que estas eram mais valorizadas do que a verdade em si? Bem feito pra mim, que nasci ingênua e nada fiz para melhorar...*

Tempos estranhos, medidas extremas...

Verena, tomada por dúvidas e presságios, desligou o secador antes de ouvir o sinal sonoro que indicava o término do ciclo de

secagem, turbilhonamento e fixação. Deu-se por satisfeita porque a mulher magra que a observava do outro lado do espelho se parecia muito com a que costumava ser todos os dias e isso era o suficiente. Devolveu o secador ao seu encaixe, apesar do sonoro protesto do aparelho.

Saiu do banheiro como veio ao mundo enquanto era assaltada por uma dúvida que a deixava sem fôlego, vinda do fundo do seu coração e que persistia em oprimir o peito como se fosse uma premonição indesejada, um mau agouro:

*“E se for verdade, se realmente há extraterrestres se aproximando em naves vindas de outras longitudes da galáxia?”*

Fosse como fosse, Verena decidiu aumentar o limite superior da informação que acionaria o despertador no dia seguinte; dormir um pouco mais seria muito bem-vindo. Escolheu um novo limite, desligou as informações da tela do espelho do quarto e viu seu rosto moreno olhando-a de volta como se não a reconhecesse; era um rosto bonito, talvez um pouco arredondado demais, mas que naqueles dias exibia ângulos e assimetrias incomuns causados pelas inquietações de um cotidiano carregado de incertezas.

- *E quem consegue dizer quem realmente é, nos dias de hoje?* – questionou, ouvindo sua própria voz ecoar pelo estreito corredor do antigo sobrado. *“Estamos todos ficando paranoicos?”*, perguntou-se uma vez mais, rezando para que nenhum fantasma daquela velha casa se arriscasse a responder.

Como um antigo boneco de engrenagens que repete sempre o mesmo ciclo de movimentos Verena pegou, em sua rápida passagem pelo armário, os sapatos, a roupa de baixo, o uniforme de trabalho e o colar pessoal de baixo alcance. Sua carteira contendo o cartão funcional, a pequena agenda pessoal e a pastilha sobressalente de energia, já tinha sido deixada no bolso do uniforme que iria vestir, prevenindo os costumeiros esquecimentos.

Desceu as escadas e parou sob o batente da cozinha saltando sobre um só pé enquanto calçava os sapatos. Acionou o painel de comunicação e digitou comandos no forno e no processador de alimentos. Um pequeno sinal luminoso avisou que não seria possível preparar o costumeiro *cappuccino*, o que provocou em Verena a inconsciente e imediata reação de acionar o comando de reposição. Reteve o movimento da mão, assustada, quando percebeu que a já imensa lista de compras passava a piscar um item a mais: *cappuccino*. Assustou-se ainda mais quando viu o valor total que piscava e sugeria: *Comprar?*

Um tanto perturbada, incomodada pela percepção de que toda a sua vida se resumia a um encadeamento de aceitações, de concordância bovina e que talvez até mesmo no dia de sua morte tivesse, ela própria de escolher entre opções de sepultamento, Verena rejeitou o desejo de acionar o comando “*comprar*” que piscava na despensa virtual. Talvez estivesse na hora e fosse necessário cortar alguns pequenos luxos que ali estavam relacionados.

Desapontada, percebeu que ao contrário dela, a máquina sabia perfeitamente o que queria: continuava a piscar o comando “*comprar*”. Escolheu “*cancelar*” e passou pela experiência de ser tratada como imbecil: “*tem certeza?*”; “*deseja incluir na lista do próximo mês?*”; “*quer ver uma lista de ofertas semelhantes que podem substituir a opção cancelada?*” *Não deixe de...*

- *O que vamos responder aos alienígenas, quando eles chegarem? Não, muito obrigado, agradecemos a gentileza, mas não queremos ser dissecados. Não, oh meu Deus!, não desejamos experimentar as máquinas de inseminação indolor. Não, certamente que não desejamos doar agora nossos órgãos para seus estoques. Tem certeza? Deseja ver alternativas para substituir a vivisseção? Sim ou Não?* – zombou em voz muito baixa, afetada, rindo sozinha e gesticulando enquanto acionava o comando final que encerrou aquele diálogo invertebrado com a despensa virtual.

Depois. Agora não era o momento adequado para listas de compras nem para pensamentos mórbidos, sua atenção estava sendo atraída pelo painel de comunicação em que vibravam imagens confusas e perturbadoras de confrontos entre população e polícia que ocorriam – naquele exato momento, a julgar pelo horário exibido pela transmissão – em Lisboa e em Moscou. Milhares de pessoas agitavam cartazes onde se liam frases inteligentes e outras nem tanto, como: “*Os círculos nas plantações já nos avisaram*”, ou “*De que adianta esconder a verdade, se você também vai morrer?*” (Caramba, que otimismo!), e também “*Cristo está voltando*” ou “*Fora E.T.!*”, além de algumas que Verena não conseguiu ler por estar vendo as imagens pela transparência do painel.

Contornou a bancada e leu mais algumas, enquanto as imagens mostravam o recrudescimento da atividade policial e focavam em indivíduos que caíam sob a marcha das botas da opressão oficial:

“*Agora é tarde!*” em um cartaz mal escrito e “*Não se venda por 30 moedas!*” em outro...

Verena quase riu, tentando imaginar quem poderia ser o candidato à traição. Silenciou a imagem principal e trouxe para o centro do painel uma das secundárias, a que mostrava milhares de pessoas aglomeradas em frente a uma catedral, espremidas umas contra as outras, superando o desconforto e o calor, tudo para ouvir um representante da igreja que gesticulava seu sermão equilibrado sobre uma mesa de madeira. Verena desviou os olhos para uma terceira, reconhecendo a Praça de São Pedro tomada por fiéis, decerto o Papa ali comparecia, acalmando os fiéis através da segurança de uma imagem projetada no balcão.

Hipnotizada pelas cenas, Verena quase desmaiou de susto quando testemunhou, naquela pacífica visão, uma terrível explosão lançar pelos ares centenas de devotos, gerando na multidão uma onda descontrolada de reações de sobrevivência que por certo só fariam ainda mais vítimas fatais e feridos graves.



Verena deu um tapa involuntário no painel e silenciou os gritos dos sobreviventes e da jornalista, mas não encerrou a recepção das transmissões; uma a uma, lentamente, canal por canal, todas elas passaram a reproduzir a mesma imagem do atentado e daquela revoltante mancha avermelhada espalhada pelo piso da praça. Em estado de choque, surpreendeu-se repetindo em voz alta:

- É verdade, a rede subterrânea tem razão... É verdade, a rede... As reações, os atentados, a população...

Verena emudeceu e tentou respirar, fazendo o possível para vencer aquelas tenazes que lhe apertavam o peito. Com a garganta seca e as pernas trêmulas, forçou a cabeça para trás, colocou as duas mãos sob o queixo e empurrou para cima, até que a dor a fez buscar o ar em uma violenta inspiração.

Indignada, Verena viu as imagens da praça e dos atordoados apresentadores sendo substituídas pela propaganda de ofertas imperdíveis, tais como: “*Nev, a moda das cinco estações*”, “*W.B. o detergente seletivo*” ou “*Neon o dentifrício perolado*”. Desligou toda a comunicação da casa, pensando se seria capaz de sair para trabalhar...

02

Ao mesmo tempo em que refletiam os primeiros raios de sol da alvorada nas calhas metálicas do pequeno sobrado da Verena, começavam a emergir das sombras alguns homens e mulheres das mais diversas idades, raças e posições sociais, discretos cidadãos localizados em diversos pontos do planeta. Moviam-se sem pressa, agindo como se estivessem sendo desafiados a restaurar a marcha de um grande mecanismo de eras passadas travado pela corrosão, sem dispor do manual ou do esquema técnico.

Com uma diferença de horas, de acordo com a imposição dos fusos horários, esses seres especiais foram avisados de que suas tarefas há muito tempo estabelecidas e aguardadas, teriam de se iniciar. A todos eles tinha sido enviada uma mensagem resumida em uma única palavra; chegara por meio de um prosaico telefone, por um moderno colar, via subliminar oficial, subterrânea, implante ou outro meio, aquele que fosse mais adequado ao indivíduo ou ao local. Não havia necessidade de confirmação, de resposta, de endosso ou contra-senha, a palavra enviada para cada um deles não tinha similar ou equivalente no idioma humano, só podia ser interpretada pelo cérebro, nunca reproduzida. Um só som, mas que parecia ter duas sílabas separadas por um vazio ou, no papel um símbolo em dois ideogramas complexos unidos apenas por um fio.

Diligentemente, emocionados, aliviados e sem hesitação, cada um daqueles indivíduos procurou sua chave e se dirigiu ao depósito onde haviam guardado as correspondências a serem enviadas. De cada cofre, buraco, fenda, caverna ou simples caixa, foram retirados dezenas de envelopes idênticos, lacrados pelo derretimento do próprio material, sem particularidades que os diferenciassem.

Cada envelope continha uma folha impressa com nome, endereço eletrônico e uma pequena cápsula de autenticação. Para um cidadão comum nada daquilo chamava a atenção, afinal o envelope, a folha com os dados impressos e a cápsula não diferiam em nada – ou quase nada – dos objetos a que estavam acostumados os cidadãos do mundo nos últimos anos. Chamaria a atenção de qualquer pessoa, sem a menor dúvida, a máquina simples que acompanhava os envelopes, retirada por aquelas pessoas do fundo de seu esconderijo particular: um aparelho que parecia ter sido subtraído de um museu do material de escritório, um cubo metálico com cerca de um palmo de lado que exibia uma fenda em uma das faces e botões mecânicos sobre a face superior. Com cantos arredondados, faces sem juntas visíveis e pintura que

## Obrigado por visitar este ebook!

Você pode ler a versão completa deste ebook em diferentes formatos:

- HTML (Grátis / disponível para todos os usuários).
- PDF / TXT (Disponível para membros VIP. Membros com uma inscrição básica podem acessar até 5 ebooks em formato PDF / TXT durante o mês).
- Epub e Mobipocket (Exclusivo para membros VIP).

Para baixar esse livro completo, basta selecionar abaixo o formato desejado:

